



AULA 12

Morte e expressão de
sentimentos

**PROFA.
GORETE**

PLANO DE AULA



Aula expositiva



Exercitando os conceitos

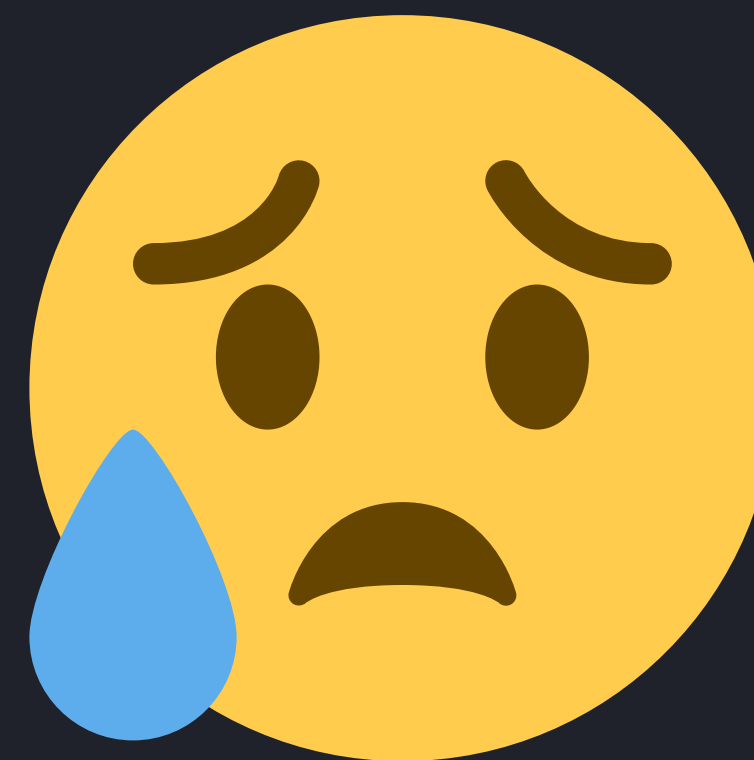


Seminário

A EXPRESSÃO OBRIGATÓRIA DE SENTIMENTOS (1921)

Marcel Mauss

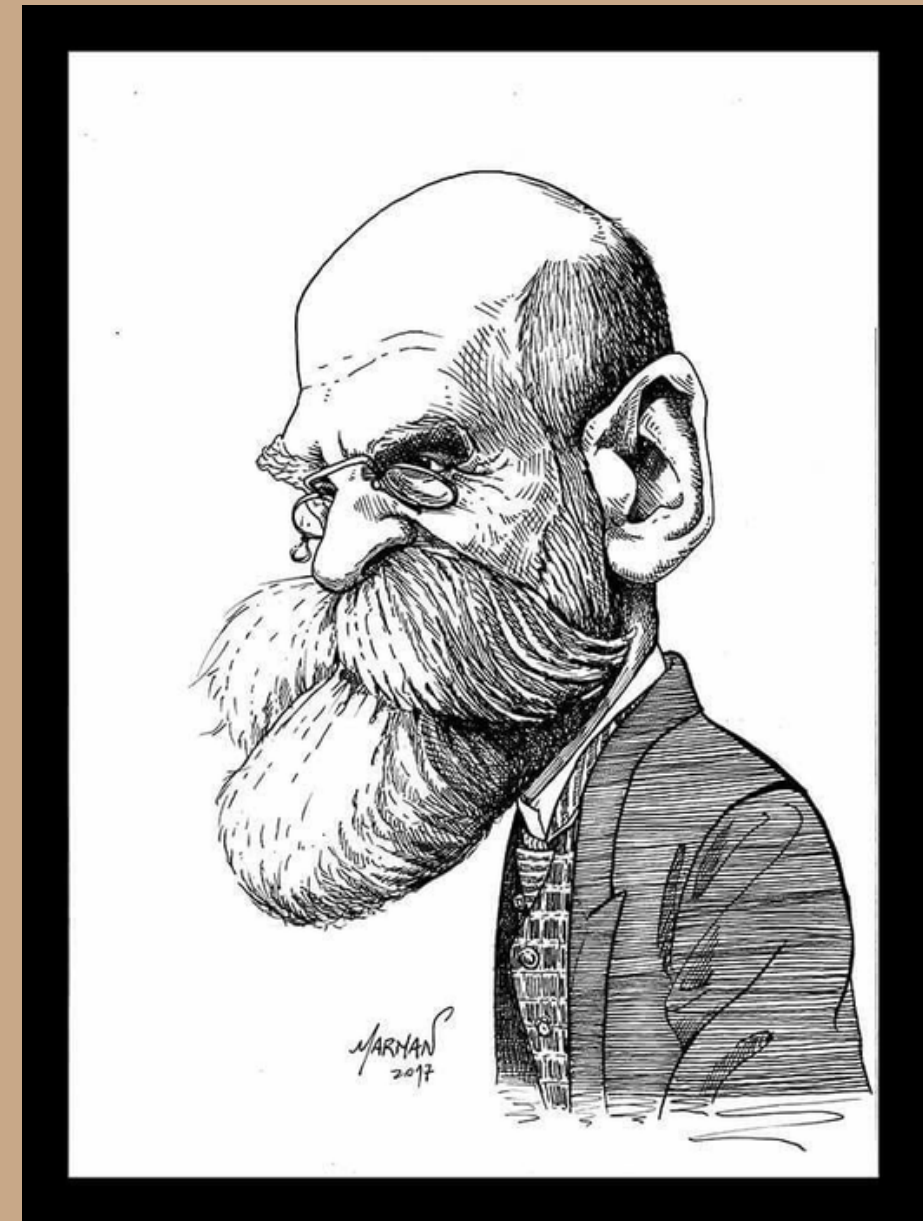
- Choro e outras expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação.
- Analisar o ritual oral funerário



A EXPRESSÃO OBRIGATÓRIA DE SENTIMENTOS (1921)

Emeli Durkheim

- Carater coletivo do ritual expiatório
- O luto não é a expressão espontânea de emoções individuais





OS RITOS ORAIS FUNERÁRIOS NA AUSTRÁLIA

 gritos e berros

 verdadeiras sessões
espíritas

 voceres cantados

 conversas com o morto

AGENTES DE EXPRESSÃO



Estes não berram e não gritam só para expressar o medo, a ira ou a dor, mas porque são encarregados, obrigados a fazê-lo

Não são parentes de fato, mas são de direito que dirigem a manifestação de luto, sobretudo mulheres

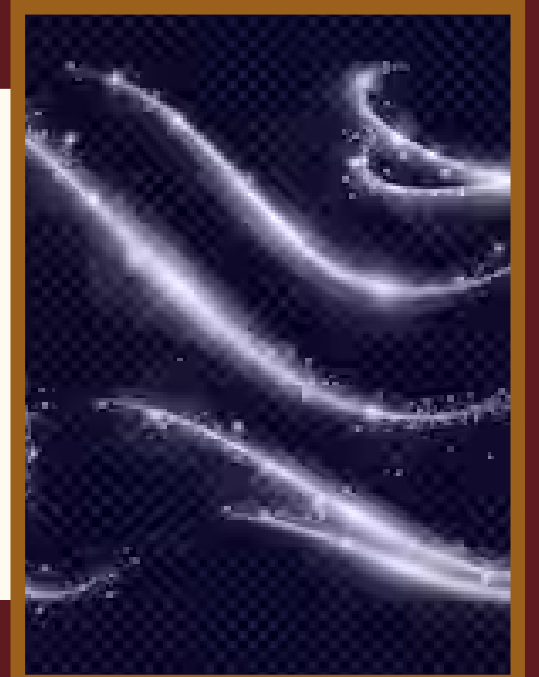


MULHERES



Encarregada dos ritos dolorosos

É um ser relacionado com as potências malignas, suas menstruações, suas mágicas, suas culpas tornam-se perigosas



A BUSCA E A EXPRESSÃO DE DOR ANDAM JUNTOS

 gritos e berros ritmados



as expressões são
linguagens

 expulsar o espírito
maligno



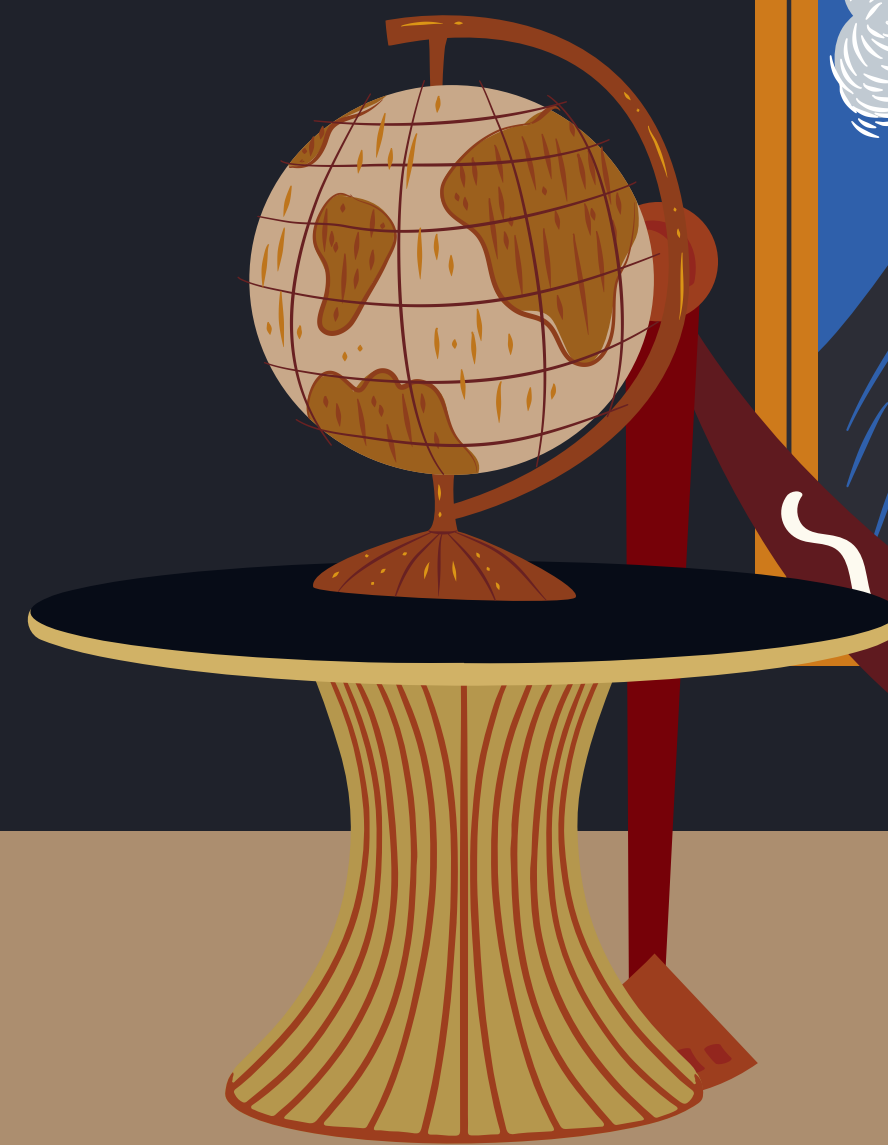
as expressões são
compreendidas pelo
grupo

A EXPRESSÃO OBRIGATÓRIA DE SENTIMENTOS

- É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer
- É algo essencialmente simbólico



E A NOSSA SOCIEDADE, COMO LIDA COM A MORTE?





ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

Solidão dos moribundos

I) Construção do problema

II) A morte 'recalcada'

III) (O processo civilizador)

IV) Morte nas sociedades avançadas



Cronologia - Vida

1887 - Nascimento - Breslau

1924 - Graduação e Pós-Graduação na Universidade de Breslau [filosofia, psicologia e medicina - tese de doutorado em filosofia: "Ideia e indivíduo: uma contribuição à filosofia da história"]

1930 - Universidade de Frankfurt - assistente de Karl Mannheim - [tese de habilitação interrompida: versão de "a sociedade de corte]

1933 - Exílio em Paris

1935 - Londres

1954-1962 - Assume seu primeiro cargo acadêmico como professor na Universidade de Leicester - funda o Departamento de Sociologia

1977-1990 - Amsterdã



Cronologia - Obra

11939 – “O processo civilizador” [alemão]

1965 – Os estabelecidos e os outsiders

1969 – O processo civilizador [inglês] e A sociedade de corte [alemão]

1970 – O que é sociologia?

1983 – Envolvimento e alienação

1987 – A sociedade dos indivíduos

1989 – Os alemães

1991 – Mozart: retrato de um gênio

Construção do problema

Há várias maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas, incluídas as das pessoas que amamos, têm um fim”

1

O fim da vida pode ser mitologizado pela ideia de outra vida – forma mais antiga de enfrentar a finitude da vida

2

Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível, encobrindo e reprimindo a ideia indesejada



3

Podemos encarar a morte como um fato da nossa existência, ajustar nossas vidas à duração limitada – colocar como tarefa fazer com que o fim seja fácil e agradável e colocar o problema de como tornar essa tarefa possível

Construção do problema

Essas questões não envolvem só a morte de fato, mas às pessoas que morrem gradualmente, que envelhecem e adoecem – velhos e moribundos

“O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades”

Construção do problema

No caso dos seres humanos, a atitude diante da morte é aprendida

Diferente de outras espécies, os seres humanos precisam de aprendizado para serem capazes de funcionar como membros do grupos

“Em nenhuma outra espécie essa sintonia com a vida coletiva teve tão profunda influência sobre a forma e desenvolvimento do indivíduo como na espécie humana. Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência de morte. Ela é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida” (p. 11)

Mais segurança nas sociedades avançadas

A natureza da morte muda com o desenvolvimento social, correspondendo à
estágios

Mais segurança: Nos Estados-nação mais desenvolvidos, a pacificação interna aumenta a segurança das pessoas contra a morte repentina - a vida se tornou mais previsível, exigindo do indivíduo grau mais elevado de antecipação e controle das paixões - a expectativa de vida aumentou

A atitude em relação à morte nessas sociedades não pode ser compreendida sem referência a essa segurança relativa - como o espetáculo da morte não é mais corriqueiro, é mais fácil esquecer a morte - a morte é 'recalcada'

A morte é 'recalcada'

Plano individual: Freud = mecanismos psicológicos de defesa decorrentes de experiências excessivamente dolorosas que bloqueiam o acesso à memória – fantasias e medos infantis

“Aqui encontramos, sob forma extrema, um dos problemas mais gerais de nossa época – nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que mais que nunca precisam quando se despedem dos outros homens, exatamente porque a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte. A visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha contra a ideia de sua própria morte” (p. 17)

A morte é 'recalcada'

Plano Social

“a mudança de comportamento social referida ao falarmos do ‘recalcamento’ da morte nesse sentido é um aspecto do impulso civilizador mais amplo que examinei com mais detalhes em outro lugar. Em seu curso, todos os aspectos elementares e animais da vida humana, que quase sem exceção significam perigo para a vida comunitária e para o próprio indivíduo, são regulados de maneiras mais equilibrada, mais inescapável e mais diferenciada que antes pelas regras sociais e também pela consciência. De acordo com as novas relações de poder, associam-se a sentimentos de vergonha, repugnância ou embaraço e (...) são banidos para os bastidores ou pelo menos removidos da vida social pública. A mudança de longa duração no comportamento das pessoas em relação aos moribundos segue a mesma direção. A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, são isolados”

O processo civilizador

O homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem 'civilizado' - Como ocorreu realmente essa mudança, esse processo 'civilizador' do ocidente? Em que consistiu? E quais foram suas causas ou forças motivadoras?

- A civilização não é melhor ou mais racional – é o resultado da mudança específica na mentalidade e comportamento humanos produzida pela força irresistível da estrutura social, como forma de entrelaçamento social e as tensões decorrentes

O processo civilizador

Mas quais mudanças específicas na maneira como as pessoas se prendem umas às outras lhes modelam a personalidade de uma maneira ‘civilizadora’?

- Diferenciação das funções sociais – número crescente de atividades que precisam ser sincronizadas
- Aumento no número de pessoas das quais os indivíduos dependem para viver
- Conduta organizada de forma mais rigorosa e precisa para que cada ação desempenhe sua função
- Maior autocontrole consciente e automático

O processo civilizador

Comportamento civilizado

- Moderação de emoções espontâneas
- Controle dos sentimentos
- Ampliação do espaço mental além do momento presente – considerações sobre passado e futuro
- Hábito de ligar fatos em cadeias de causa e efeito

O processo civilizador

Do controle da violência ao autocontrole

- A monopolização da violência física, a concentração de armas e homens armados sob uma única autoridade, torna mais ou menos calculável o seu emprego e força os homens desarmados, nos espaços sociais pacificados, a controlarem sua própria violência mediante precaução ou reflexão
- O indivíduo é protegido contra ataques, mas forçado a reprimir seus impulsos - os indivíduos capazes de controlar seus impulsos e paixões tem vantagem social

O processo civilizador

Do controle da violência ao autocontrole

“através da interdependência de grupos maiores de pessoas e da exclusão da violência física em seus contatos, é estabelecido um mecanismo social, no qual as limitações entre elas são transformadas duradouramente em autolimitações” (p. 203)

“À medida que se abrandavam os contrastes na conduta individual, e que as flutuações mais violentas do prazer ou desagrado eram contidas, moderadas e mudadas pelo autocontrole, aumentavam a sensibilidade e as gradações ou nuances da conduta, mais finamente se sintonizavam as pessoas a cada pequeno gesto e forma, e mais complexa se tornava sua experiência de si mesmas e do mundo em que viviam em níveis eu antes haviam sido ocultados da consciência pelo véu das emoções fortes” (p. 246)

O processo civilizador

Morte na Idade Média

- Comparado aos estados-nação industrializados, a vida nos estados feudais medievais era apaixonada, violenta, incerta e selvagem – a morte era um tema mais aberto e frequente – a morte era mais familiar, o que não quer dizer mais ‘pacífica’
- A vida era mais curta; os perigos menos controláveis; a morte mais dolorosa
- A participação dos outros na morte de um indivíduo era mais comum
- A morte era uma questão mais pública – as pessoas eram menos cerceadas na fala, pensamento e escrita sobre a morte [exemplo dos poemas] – referências à sepultura e aos detalhes do que acontece com os corpos em decomposição – havia um limiar diferente de vergonha e embaraço e uma estrutura diferente de personalidade que é social e não individual

Morte nas sociedades avançadas

No curso do processo civilizador, mudam os problemas enfrentados pelas pessoas, mas não de maneira caótica – há uma ordem específica – detectamos uma ordem específica – a direção da mudança na atitude em relação à morte é clara:

- É característico da atitude atual, a relutância diante da familiarização das crianças sobre a morte
- Nunca os moribundos foram afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social
- Desconforto dos vivos na presença de moribundos – não sabem o que dizer – falta de espontaneidade – poucas palavras para expressão das emoções – indisposição e incapacidade de exprimir emoções fortes

Morte nas sociedades avançadas

- Fora dos rituais religiosos de morte, morrer é uma situação amorfa, uma área vazia no mapa social – os rituais seculares foram esvaziados de sentimento e significado
- A mudança em direção da informalidade faz com que os padrões tradicionais de comportamento em situações de crise se torne suspeita e embaraçosa – a tarefa de encontrar a palavra e o gesto certos sobra para o indivíduo

Morte nas sociedades avançadas

- A maneira como as pessoas vivem juntas produz um alto grau de reserva nas expressões de afetos fortes e espontâneos – assim, a fala espontânea com moribundos torna-se difícil - Os que estão próximos dos moribundos muitas vezes não tem capacidade de apoiá-los e confortá-los com provas de afeição e ternura
- Os viventes podem de maneira semiconscente sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora e afastam-se involuntariamente dos moribundos

Morte nas sociedades avançadas

Características específicas das sociedades contemporâneas, e das estruturas de personalidade associadas a elas, que são responsáveis pela peculiaridade da imagem da morte, e, portanto, pela natureza e pelo grau de recalcamiento da morte em sociedades mais desenvolvidas:

1

Aumento da expectativa de vida - o perigo da morte pode ser esquecido

2

Experiência da morte como estágio final de um processo natural - ideia de processo natural ordenado é característica de um estágio específico de desenvolvimento do conhecimento e da sociedade - sensação de segurança diante dos fatos naturais - saber que a morte é final de um processo natural ajuda a aliviar a angústia - podemos esperar o adiamento da morte - métodos científicos para prolongar a vida

3

Pacificação interna: alto grau de pacificação interna faz com que a morte violenta se torne excepcional - proteção contra a violência à Monopólio da violência física pelo Estado - torna possível o relativo domínio das paixões e a relativa exclusão da violência das relações humanas

Morte nas sociedades avançadas

“Aqui também vemos em que medida estruturas de personalidade e concepções a elas relacionadas, inclusive a imagem da morte, concepções que em nossa própria sociedade tendemos a tomar como certas e talvez a imaginar como características humanas universais, são na realidade influenciadas por peculiaridades da estrutura social que se cristalizam gradualmente no curso de um longo processo social” p. 59 – transformação psicológica sofrida pela transição para sociedades pacificadas internamente

Morte nas sociedades avançadas

A consciência que proíbe matar e a sensibilidade com relação à morte é frágil – algo demonstrado pelas duas grandes guerras e campo de concentração à nossos mecanismos de auto coerção envolvidos na repressão da morte se desintegram rápido quando o mecanismo externo de coerção pelo estado muda de rota

4

Individualização: alto grau e padrão específico de individualização – imagem da morte está muito próxima da imagem de si mesmo das pessoas – as pessoas se veem nas sociedades avançadas como indivíduos fundamentalmente independentes, como sujeitos isolados em relação aos quais os outros representam o mundo externo – separação entre eu e o outro como por um muro invisível – homo clausus

Essa autoimagem distorcida como totalmente autônomo pode refletir sentimentos de solidão e isolamento emocional

Alto grau de individualização
contenção de impulsos e
tendência ao isolamento –
também está nos moribundos

4

Individualização: Ideia de que a vida de uma pessoa deve ter um sentido em si mesma e para si mesma à ideia enganadora

O conceito de sentido não pode ser compreendido por referência a um ser humano isolado – o que chamamos de sentido é construído por pessoas em grupos mutuamente dependentes de uma forma ou de outra e que podem comunicar-se entre si – o sentido é uma categoria social, o sujeito que lhe corresponde é uma pluralidade de pessoas interconectadas – exemplo da língua

“O sentido das palavras e o da vida de uma pessoa têm em comum o fato de que o sentido associado a elas por essa pessoa não pode ser separado do associado a elas por outras” (p.65)